

O tom de uma experiência: *Os normais*

Elizabeth Bastos Duarte
Pós-doutora UNISINOS

1 - Das considerações

Saiu do ar em outubro de 2003 *Os normais*, série que, embora tivesse sido programada para a apresentação de apenas três episódios, ocupou, durante três anos, espaço nas noites de sexta-feira, garantindo semanalmente 25 minutos de puro prazer e entretenimento.

Exemplo da estética televisiva em ação, a série começou com três tapadeiras e uma cama no estúdio, incorporação típica do falso como representativo do real. Aos poucos a cozinha foi crescendo, foram aparecendo uma varanda e alguns poucos metros de cenário a mais, tudo em conformidade com o que a televisão impõe para baratear o custo de suas produções. Mas a série emplacou, com direito a prêmio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor programa de televisão de 2001, livro publicado pelos autores do roteiro, Alexandre Machado e Fernanda Young, sobre *Os melhores momentos de Os normais*, dois DVDs em parceria com a Som Livre – *Os normais* e *Os normais sem cortes* – e filme *Os normais* (Direção de José Alvarenga Júnior. Roteiro: Alexandre Machado e Fernanda Young. Estréia 24/10/2003).

Os normais conta, em episódios seriados mas autônomos, situações da vida de um casal, Vani e Rui, inspiradas *nos normais que andam por aí, pensando maluquices*, maluquices que todo mundo tem.

Em que pese a criatividade dos roteiros e a linguagem inovadora e ágil, que articula cinema, televisão e publicidade, o que parece ter garantido o sucesso da série é o *tom* que perpassa esses relatos das pequenas maluquices das pessoas e de sua interferência em situações corriqueiras do dia-a-dia.

Mas, finalmente, o que é o *tom*? E que *tom* é esse que qualifica *Os normais*?

2 - Sobre o tom

“A colocação de um sujeito operador, capaz de produzir as primeiras articulações da significação, é o primeiro passo para estabelecer a teoria da significação como economia que gera as condições de produção e captação da significação.” (Greimas & Fontanille, 1993, p.16)

O firme propósito de examinar o texto televisivo em suas especificidades de antemão aponta para o espaço em que a reflexão ora empreendida se movimenta preferencialmente – a instância da discursivização, espaço das escolhas estratégicas operadas pela enunciação quanto ao modo de “contar” a narrativa, que evidentemente leva em consideração o tipo de processo comunicativo em que o texto a ser produzido se inscreve e a gramática de formas de expressão colocada ao seu dispor.

O dispositivo sintático-semântico sobre o qual se pretende concentrar a atenção, aquilo que ousamos chamar de **tonalização** do discurso, não deve ser confundido com os processos de modalização ou de sensibilização passional, presentes nas três instâncias de geração dos sentidos, tampouco com a força ilocutória ou perlocutória

conferida ao que é enunciado, embora esse dispositivo discursivo, acredita-se, participe da articulação dessas categorias, pertencentes a diferentes níveis da estruturação dos sentidos e da significação.

Alargando-se os sentidos da definição de *tom* apresentada pelo dicionário (AURÉLIO, p.1385-6), pode-se dizer que o termo refere qualidade ou inflexão que se confere ao “*modo de expressar-se*” em diferentes linguagens, sendo que o tom principal inscrito em um texto é determinante, pois em torno dele se organizam os outros tons e modos que se sucedem no decorrer de sua discursivização, segundo as regras da “tonalidade”.

O enunciador, como sujeito operador de determinadas seleções e combinações, capazes de produzir as articulações responsáveis pela instauração da significação, define (em nível discursivo) o tom principal que quer conferir ao que é enunciado. Essa deliberação que, convém ressaltar, não diz respeito à forma como o sujeito quer apresentar a si próprio, mas àquela como pretende manifestar seu discurso, é tomada estrategicamente, a partir da consideração ao sensitivo e ao cognitivo, então relacionados às condições de produção e de reconhecimento (captação) da significação a ser produzida.

Assim, propõe-se considerar a *tonalização* um procedimento discursivo de harmonização, de articulação e graduação de categorias que perpassam as três instâncias de organização narrativa – modalização e passionalização, vistas como pólos opostos entre o conhecer e o sentir. A tonalização viria preencher, em nível discursivo, a lacuna entre esses dois pólos, articulando-os estrategicamente num movimento modulatório e de graduação, que os compatibilizaria com as condições de produção e reconhecimento, de forma a dar conta da passagem entre efeitos de sentido visados e os produzidos. O tom confere ao discurso produzido um “estilo”, um “modo de dizer” que se projeta diretamente sobre os sujeitos da comunicação – enunciador e enunciatário –, operando sobre o *conhecer para fazer sentir*, e sobre o *sentir para fazer conhecer*; sobre o *dizer para fazer fazer*; e sobre o *fazer para fazer dizer*. Por isso, para além de inclinações, tendências ou temperamento do enunciador, o tom está também diretamente ligado às práticas sociais e discursivas.

A tonalização seria então esse procedimento discursivo responsável pela articulação entre essas categorias profundas e o contexto de produção e reconhecimento dos processos comunicativos e pela graduação do discurso a ser produzido a partir de regras de tonalidade que dizem respeito às variações:

- de disposição: seriedade vs. humor;
- de inflexão: suavidade vs. aspereza;
- de espessura: superficialidade vs. profundidade;
- de intensidade: força vs. fraqueza;
- de matiz: frieza vs. calorosidade;
- de entonação: altura vs. baixo;
- de peso: leveza vs. densidade;
gravidade vs. agudez, etc.

Assim, a *tonalização* é o procedimento discursivo; o *tom*, a propriedade conferida ao discurso, que agrega ao que é dito essa série de gradações – tonalidades. A decisão pelo tom perpassa toda a instância discursiva, interferindo na escolha estratégica das formas de configuração dos atores, do tempo e do espaço, bem como na própria forma de estruturação da narrativa em nível discursivo.

As práticas sociais e discursivas de antemão normatizam, legislando sobre as tonalidades adequadas a cada formação discursiva, agregando às suas regras de formação – privilégio a determinadas temáticas e maneiras de “enformá-los”, lugar e função destinados ao enunciador/enunciatário –, disposições concernentes ao tom. É nessa perspectiva, aliás, que o tom participa das categorias definitórias das relações entre gênero/subgênero discursivo.

3 - Da disposição

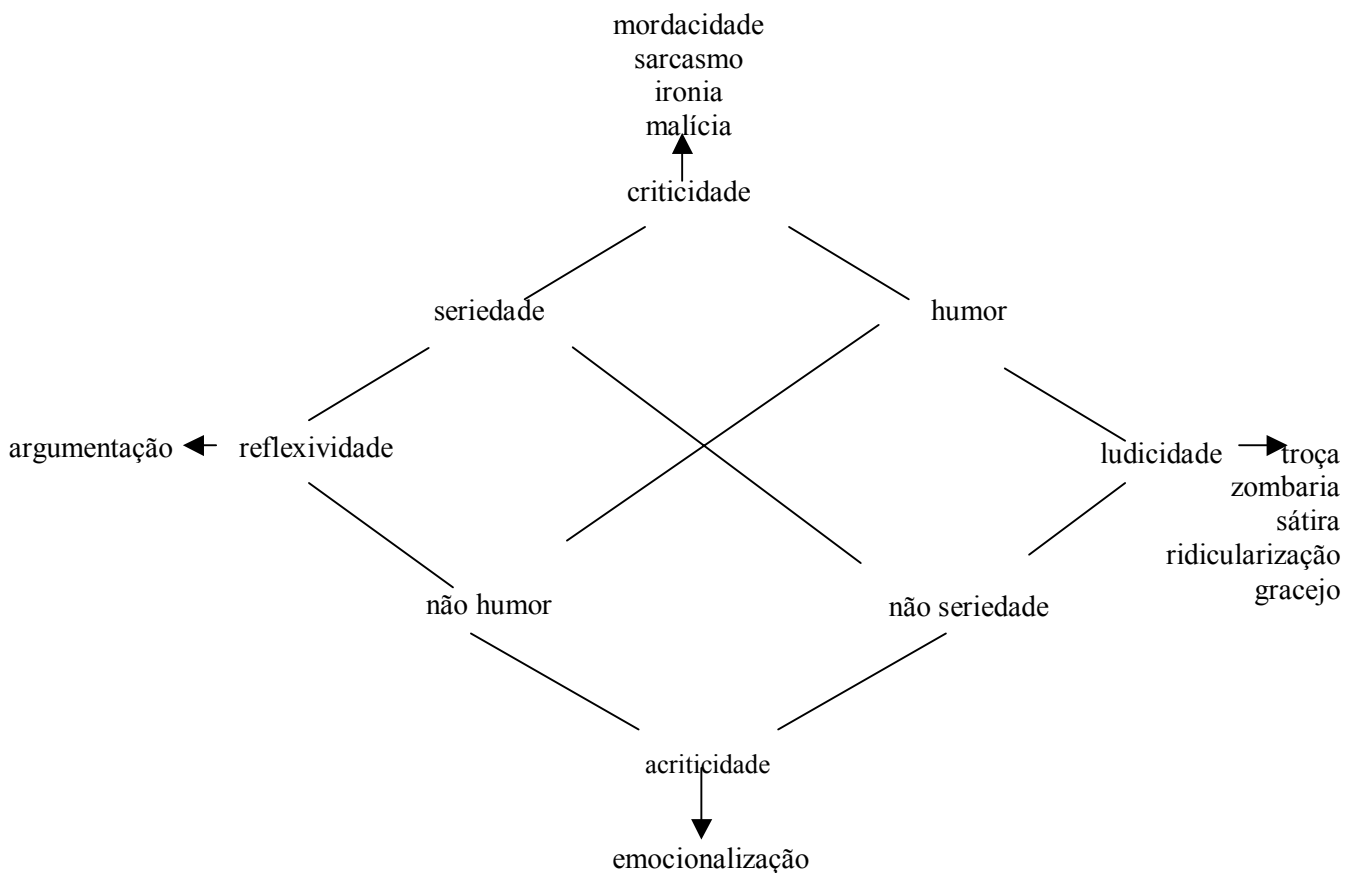
O tipo de **categoria tonal** que aqui se quer analisar diz respeito especificamente à **disposição** em suas articulações e gradações em torno das tensões entre seus dois pólos extremos – *seriedade* e *humor*.

Por *seriedade*, entende-se um modo de expressar-se que confere traços de sobriedade, sisudez, austeridade ao conhecer e/ou ao sentir, atribuindo relevância e valor ao que está sendo enunciado, e, conseqüentemente, propondo atitude de consideração, reflexão e contração por parte do enunciatário.

Por *humor*, compreende-se um modo de expressar-se que confere traços de ludicidade, gaiatice, malícia, atribuindo irrelevância e pouca valia ao que está sendo enunciado e, conseqüentemente, propondo atitudes de descontração, relaxamento e gozo por parte do enunciatário.

O valor dos valores *relevância vs. irrelevância* e *valor vs. pouca valia* é produto de uma atribuição social. Enquanto prática social e discursiva, as diferentes tonalidades decorrentes das variações entre essas oposições costumam ser traços definitórios de diferentes formações discursivas, de gêneros e subgêneros textuais, uma vez que elas têm implicações tanto no processo de discursivização como no de textualização.

Nessa perspectiva, sobre os tons *seriedade vs. humor* enquanto pólos opositivos, podem-se projetar diferentes procedimentos referentes, no nível discursivo, a estratégias e configurações discursivas que os manifestam e, em nível textual, a mecanismos expressivos concernentes a uma dada gramática de formas de expressão, responsáveis pelas articulações e gradações de tonalidade que se queira conferir ao enunciado.



4 - Da análise

4.1 - Caracterização geral

Os normais é uma série televisiva com roteiro de Fernanda Young e Alexandre Machado, exibida durante três anos pela RGT, de 2001 a 2003, sextas-feiras à noite, tendo como atores principais Fernanda Torres e Luís Fernando Guimarães.

Como o próprio nome aponta, a série apresenta situações da vida em comum de um casal de jovens, inteligentes, apaixonados, engraçados e urbanos, absolutamente normais. Mas, como bem sabemos, o normal, o trivial, o cotidiano são anormais em um meio como a televisão, que se pauta pela veiculação de grandes espetáculos e acontecimentos incomuns. Daí a contradição e ironia já marcadas no próprio título escolhido para a série.

Os personagens principais da série, Vani e Rui, são gente como a gente, ou, talvez, como nossos filhos: pessoas de classe média, que vivem em crise permanente devido a todos aqueles conflitos a que estão submetidos os jovens na sociedade brasileira contemporânea.

Vani é uma mulher normal, na faixa dos trinta anos, que mora com o noivo e trabalha como vendedora de loja de confecção de roupas. Passa por períodos de questionamento e dúvidas: acha Rui um careta, mas quer casar com ele. Rui também é um cara normal: publicitário, repleto de maluquices, pequenas manias, grandes acessos

de implicância, preconceitos e nojos infundados, pequenas paranóias; trabalho normal, salário normal.

O casal vive em meio a muita química e cumplicidade. Sua identidade enquanto personagens foi sendo construída aos poucos, no decorrer da série: personalidade, sonhos e aspirações, tiques e manias. Ambos têm em comum bom-humor e senso crítico que lhes permitem rir juntos de si próprios e das situações em que se envolvem. *Os normais* é mais que uma comédia de situação, dizem os críticos; uma crônica do cotidiano de uma classe e faixa etária, pensamos nós.

Com duração de 25 minutos, seu texto estrutura-se em três blocos, precedidos da exibição de uma vinheta de abertura e duas de passagem, que são praticamente idênticas: uma colagem de fotografias 3 x 4, que apresenta os rostos de pessoas comuns, do povo; dentre eles, os de Vani e Rui, sem maquiagem, como que atestando sua normalidade e mesmice.

O texto adota, de forma quase caricatural, uma estética televisiva, eivada de cortes, planos e contraplanos, planos fechados numa cadência rítmica acelerada, aliando a esse ritmo quase publicitário e a essa fragmentação exagerada, uma tonalidade que caiu nas graças do público e da crítica, o que posteriormente será analisado com mais vagar.

A série recorre sistemática e reiteradamente à estratégia de lançar mão de situações tragicômicas, piadas e pequenas ironias aliadas à discussão de questões existenciais, à exposição delicada e sutil de fragilidades, sentimentos e mazelas bem conhecidas dos seres humanos. Essa oscilação certamente concorre para a definição de sua tonalidade.

Do ponto de vista de sua expressão, o texto geral da série *Os normais* articula, às técnicas de edição já referidas, uma linguagem coloquial, cotidiana mesmo, permeada de palavrões: caralho, merda, puta que pariu, xoxotas e paus campeiam pelos episódios, completamente à vontade, como acontece com quase todo mundo – pessoas normais – na intimidade.

Trata-se de uma produção barata com cenários de isopor, fundos pintados, e externas, que consegue operar bem, com a precariedade de recursos, concentrando sua performance na imagem e no discurso verbal: fala-se muito em *Os normais*, fala-se o tempo todo nesse seriado: falas curtas, perspicazes, engraçadas.

Por outro lado, embora se caracterize como um texto ficcional, aquilo que em outro lugar denominamos de supra-realidade, o texto de *Os normais* entremeia algumas estratégias discursivas, fortemente reiteradas nos episódios, que, de certo modo, são desconcertantes nesse contexto ficcional. Propomos que essas estratégias, que convencionamos denominar como segue, sejam primeiramente observadas, para posteriormente serem analisadas. São elas: (1) interpelação e/ou fala dirigida ao telespectador; (2) convocação de *flashbacks*; (3) enunciação de discurso interior; (4) assunção escrachada do contexto de programa televisivo; (5) merchandising; (6) autopromoção.

4.2 - Dos episódios analisados

Para verificar com maior profundidade o funcionamento das estratégias e configurações discursivas mais empregadas nesse procedimento de tonalização de *Os normais*, realizou-se um levantamento de suas ocorrências para posterior no exame de quatro episódios da série: ***Desconfiar é normal***, de 2001; ***Mentir é normal***, de 2002; ***Até que enfim profundos***, de 2003; e ***Cair na rotina é normal***, de 2003.

4.2.1 - Título do episódio: *Desconfiar é normal* (2001)

Síntese do episódio

O episódio se funda em um grande mal-entendido devido à intersecção de duas histórias. Vani resolve fazer um *checkup* na carteira de Rui. Para sua surpresa, ela encontra um papel escrito "Senhora B" com um monte de números. Ao pedir uma explicação para Rui, ele diz que é a sua senha do banco. É claro que ela não acredita e resolve ir ao caixa eletrônico para conferir. Paralelamente a essa confusão toda, Beatriz está desconfiadíssima de que seu marido, Jair, tem um caso com a secretária "gostosona".

Levantamento das ocorrências de emprego das estratégias:

(1) Interpelação e/ou fala dirigida ao telespectador:

Vani, enquanto procura desesperada uma roupa no guarda-roupa, diz para os telespectadores: *"Trinta anos de compras e oh!!! (mostra as roupas), não tem uma roupa que eu goste. Vão dizer que sou maluca!"*

Rui, sentado no sofá esperando por Vani, diz aos telespectadores: *"Quarenta minutos atrás ela me pediu cinco minutos para colocar uma roupa e botar um batonzinho na boca. Meu saco está afundando no sofá!"*

Vani, respirando dentro de um saco, justifica sua atitude aos telespectadores: *"Aí, para não parecer maluca, eu respiro dentro de um saco, porque o gás carbônico que você produz diminui muito a ansiedade."*

Rui, sentado no sofá, tentando decorar os números dos cartões de crédito, explica aos telespectadores: *"7824... Pra não enlouquecer eu desenvolvi uma série de passatempos. O meu preferido é decorar os números do cartão de crédito, 7423... Adoro!"*

Rui continua dizendo aos telespectadores: *"Outro passatempo sensacional, eu coloco no papel: Senhora – para disfarçar a senha – e B de banco. E para pensarem que é telefone eu coloco o ano que o Botafogo foi campeão e por último eu coloco o número do sapato que eu calço"*.

Vani, indignada com Rui, que dorme, diz aos telespectadores: *"Sabe aquele filme que tem que pensar? O cérebro masculino não suporta sobrecarga. Olha aí! (mostrando Rui roncando em cima dela) Cai em sono profundo. É hora de fazer o checkup na carteira do Rui."*

Rui fala aos telespectadores: *"Não sei se vocês repararam, mas a Vani de 4 em 4 programas fica nervosinha."*

Rui, sentado no sofá, lendo uma revista, fala para o público: *"Oh! É um fato científico. Toda a mulher é muito mais paranóica que um homem, sabia?"*

Rui, atendendo o telefone, diz para o telespectador: *"Olha, um telefone que toca a essa hora, tarde assim?! A mulher fica paranóica. Eu por exemplo, não! Eu acho um telefonema a essa hora completamente normal, não tem problema nenhum."*

Rui, ao receber pelo telefone a notícia de que sua noiva é amante do marido da suposta Senhora B, diz ao telespectador: *"Tá vendo? Uma ligação normal. Não tem problema nenhum!"*

Rui, entrando em cena de novo, diz ao telespectador: *"Olha... Você coloca seu cartão, sua senha e a chave de seu carro na mão de uma mulher. Depois ligam para a sua casa dizendo que sua mulher está tendo um caso com um cara chamado Jair. Você vai fazer o que? Bater com a cabeça na parede?"*

Vani, dirigindo com o cartão na mão, olha para o telespectador e diz: *"Isso que eu esperava de 2001? Ir numa máquina, enfiar um cartão para saber se estão me chifrando ou não. Muito bom esse cartão, o Vengeance Card: você faz as compras e a conta é dividida entre todos os homens que chifraram você na vida."*

Vani, fugindo após bater o carro, diz ao telespectador: *"Já sei! Vou dizer que tenho uma irmã gêmea que faz coisas horríveis, igualzinha a mim. Vai colar, tenho certeza!"*

Rui, ao telefone, diz ao telespectador: *"Olha as dez coisas ridículas que as pessoas fazem por amor. N.º 1: disfarçar a voz."*

Vani, no carro diz ao telespectador: *"N.º 2: chorar no carro por causa de uma música que tem tudo a ver."* Ela canta a música chorando.

Recepcionista do hotel, antes de atender os amantes, diz ao telespectador: “N.º 3: *mentir descaradamente.*”

Rui e Sr.ª B, ao descobrirem que o cartão de crédito de Rui está sendo utilizado num motel, dizem ao telespectador: “N.º 4: *sair correndo feito louco.*”

Vani, chegando na frente do prédio de Rui e vendo que ele está saindo com uma mulher, diz para o telespectador: “N.º 5: *seguir alguém com o carro.*”

A amante diz ao telespectador: “N.º 6: *arrancar o botão da camisa dele com os dentes.*”

Rui, entrando no motel com a Sr.ª B, diz ao telespectador: “N.º 7: *mostrar tranquilidade quando na realidade você está transtornado.*”

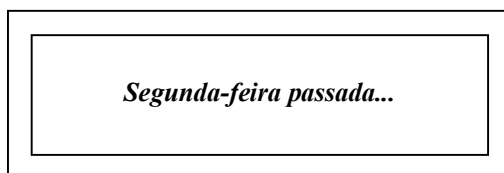
Sr.ª B, dando dinheiro ao recepcionista do motel, diz ao telespectador: “N.º 8: *subornar.*”

Vani diz ao telespectador: “N.º 9: *se esconder atrás das coisas.*”

Sr.ª B diz ao telespectador: “N.º 10: *escutar atrás da porta.*”

(2) Convocação de flashbacks:

Quadro à moda antiga com escritos, introduzindo o *flashback*:



(3) Enunciação de discurso interior:

Beatriz, Senhora B, fala para si própria: “*Passou perfume no pinto!*”

Vani, arrumando-se fala com o espelho: “*Ótimo! Tô super normal. Não! Eu tô meio pálida, né? Vou passar um ‘rugezinho’ que vai ficar ótimo!*”

Vani fala para si mesma ao vasculhar a carteira de Rui: “*O que é isso? Senhora B?!*”

Rui, no banheiro, em frente ao espelho, diz: “*Se fosse há uns 10, 20 anos atrás, eu enchia ela de bolacha.*”

Beatriz fala sozinha ao lado do telefone: “*Vocês vejam como é que são as coisas. Um tarado andava me telefonando e eu coloquei esse identificador de chamadas. Só nessas horas é que a gente vê a utilidade de um tarado.*”

(4) Assunção escrachada do contexto de programa ficcional televisivo:

“*Não sei se vocês repararam, mas a Vani de 4 em 4 programas fica nervosinha.*”

4.2.2 Título do episódio: *Mentir é normal* (2002)

Síntese do episódio

Rui e Vani resolvem falar sempre a verdade, doa a quem doer. Eles falam desde como fazem sexo, até o cafezinho de Vani, que Rui detesta. Mas como isso não vai dar certo, começam as confusões, não só no relacionamento do casal, como na profissão. Vani é demitida por falar a uma cliente que ela é gorda e baixinha, e Rui por se recusar a confirmar uma mentira para a esposa do chefe.

Levantamento das ocorrências de emprego das estratégias:

(1) Interpelação e/ou fala dirigida ao telespectador:

Vani e Rui fizeram um trato de só falarem a verdade sobre o que pensam. Estão indo para o serviço quando, ao ficarem parados no trânsito engarrafado, Vani reclama porque Rui não entrou numa ruazinha onde o trânsito não estava trancado.

Rui, indo para o trabalho com Vani, com o carro parado pelo engarrafamento, diz aos telespectadores: *“Viu como ela é?”*

Vani: *“Eu sou o quê?”*

Rui: *“Não tô falando com você, eu tô falando com eles.”*

Vani: *“Mas eu ouvi.”*

Rui: *“Vamos combinar que quando eu estiver falando com eles, você não ouve?”*

Vani: *“Não. O combinado é a gente falar a verdade um pro outro.”*

Rui: *“OK. Eu falei para eles: Viu como ela é?”*

No restaurante, depois de Vani perder o emprego. Ela pergunta o que ele pediu para comer e pede a mesma coisa, e pede que ele faça o pedido enquanto ela vai ao banheiro.

Rui: *“Peraí. Vamos resolver isso primeiro.”*

Rui, olhando para os telespectadores: *“Vocês viram: ela pede peixe, o peixe vai chegar, ela vai reclamar e eu vou me sentir culpado. Acho melhor ser mais específico.”*

Vani, depois de comprar um sofá, diz aos telespectadores: *“A melhor coisa que tem quando você está deprimida é sair e fazer compras. Ainda mais com o dinheiro dos outros.”*

Compraram um novo sofá, tiveram relação sexual nele e começaram a discutir sobre ele dar duas na mesma noite.

Rui, depois de uma relação sexual: *“Ninguém dá três direto não. Isso é papo!”*

(4) Assunção escrachada do contexto de programa ficcional televisivo:

Rui, reclamando de Vani: *“Não tô falando com você, eu tô falando com eles.”*

4.2.3 Título do episódio: Até que enfim profundos (2003)

Síntese do episódio

Vani e Rui, às voltas com dúvidas existenciais, enfrentam a tentativa de suicídio de Aldo (Diogo Vilela), que ameaça se jogar da janela de seu apartamento porque acha que ninguém o ama, ninguém o quer. Em uma das seqüências do episódio, Rui tenta se passar por Vani e vice-versa, reagindo como o outro reagiria em determinadas situações. Uma forma criativa de mostrar as diferenças entre os homens e as mulheres, com pitadas de maluquices características de Vani.

Mariana Lima participa do episódio como Bia, amiga de Vani a quem ela recorre para tentar demover Aldo da idéia de se matar. Para convencer Bia, Rui e Vani inventam que Aldo é um homem charmoso e herdeiro de uma multinacional. Entre papos sobre o amor, Vani e Rui chegam à conclusão de que o programa deles foi a coisa mais profunda que já aconteceu na televisão brasileira.

Levantamento das ocorrências de emprego das estratégias:

(1) Interpelação e/ou fala dirigida ao telespectador:

Rui, dirigindo-se aos telespectadores: *“A Vani sempre fica filosófica assim quando vai fazer escova no cabelo.”* Na cozinha, pegando água, Rui fala aos telespectadores: *“O problema das mulheres é que elas pensam demais nas coisas. Se elas tivessem pinto elas veriam que o cérebro não é tão importante assim.”*

Vani, entrando na cozinha, fala para Rui: *“Rui, estava pensando numa coisa...”*

Rui, dirigindo-se aos telespectadores: *“Tá vendo?”*

Ela propõe uma troca de papéis: ele se passar por ela e vice-versa.

Rui, dirigindo-se aos telespectadores, diz: *“Não sei por que, acho que vou sair perdendo nessa troca!”*

Vani, fazendo o papel de Rui, atirada no sofá, diz para Rui: *“Fica quietinho, querido, e vai buscar um cafezinho para seu amorzinho!”*

Rui olha para os telespectadores e diz: *“Como vocês homens são grossos!”*

Rui, entrando no banheiro e baixando as calças, diz para o telespectador: *“Uma coisa que eu sempre tive vontade de fazer, mas nunca tive coragem, é fazer xixi sentado.”* Enquanto faz xixi, ele diz: *“Que delícia, sai quentinho!”*

Rui, dirigindo-se ao telespectador: *“Seis da tarde é perigosíssimo. Afastem-se das 18 da tarde.”*

Vani, juntando os cacões, pois ela virou a mesa do barzinho, comenta com os telespectadores: *“Eu sou a rainha das 18 da tarde. A maioria das merdas que eu pensei na minha vida foi aí pelas 18h, 18h 30 da tarde. Quando começa a bater as 19h50m eu fico mais otimista. Se eu não me mato até as 20h, aí não há mais perigo.”*

(4) Assunção escrachada do contexto de programa ficcional televisivo:

Vani, indo buscar um whisky para Aldo e Rui: *“Estou achando que é um erro tratar de assuntos profundos nesse programa. Como é que a gente vai fazer uma situação terrível como essa ficar engraçada?”*

No final, Rui e Vani, dentro do carro, discutem sobre as mensagens passadas através de músicas e filmes. Então **Rui** pergunta: *“Nesse programa quem é quem manda a mensagem?”*

Vani: *“Como assim quem manda? Eu e você. Nós dois!”*

Rui (surpreso): *“Nós dois?”*

Vani: *“É! Há três anos que a gente manda mensagem, não percebeu não?”*

Rui: *“Que mensagem a gente manda?”*

Vani: *“Como que mensagem? Chama Os normais. Exatamente sobre isso. Que é normal ser maluco. Que todo mundo é um pouco maluco. Que de perto ninguém é normal. Que é legal ser um pouco maluco. Não é essa a mensagem?”*

Rui (rindo): *“Vani, mentira! Você tá de sacanagem comigo!”*

Vani: *“Sacanagem também é a mensagem que a gente passa. Há três anos a gente tá passando mensagem de sacanagem, sabia?”*

Rui: *“A favor ou contra?”*

Vani: *“Ué! Se for boa a gente conta. Sacanagem ruim a gente não conta.”*

Rui: *“Quer dizer então que a gente manda mensagem de duplo sentido?”*

Vani: *“O tempo todo. A gente é mestre de duplo sentido.”*

Eles concordam que são os maiores e mais profundos representantes do duplo sentido da TV brasileira.

Rui (pergunta a Vani): *“Será que isso não dá pra descolar uma grana?”*

Os dois ficam calados!!!

(5) Visibilização de merchandising e/ou autopromoção:

Os personagens decidem terminar com os assuntos profundos e Vani os convida a irem ao cinema, pois está passando um filme ótimo: OS NORMAIS.

Aldo: *“Já estreou?”*

Rui: *“Não estreou, vai estrear ainda, mas Vani tá fazendo publicidade. A coisa é escancarada, mesmo!”*

Aldo: *“Eu sei como é que é.”*

Enquanto isso ela fica gesticulando atrás de Rui que o filme é ótimo, maravilhoso.

4.2.3 Título do episódio: Cair na rotina é normal (2003)

Síntese do episódio

Rui e Vani não sabem mais o que fazer para sair da rotina. Pensaram em *night* e restaurantes, mas foram parar mesmo em uma locadora de vídeos. Em meio às fitas, eles conhecem Zeca (Daniel Dantas) e Denise (Ingrid Guimarães), um casal pra lá de moderno, também procurando o que fazer. Mas a diversão que eles queriam era um pouco diferente. Estavam procurando nada menos que um casal para uma noite a quatro...

Levantamento das ocorrências de emprego das estratégias:

(1) Interpelação e/ou fala dirigida ao telespectador:

Rui olha para os telespectadores e diz: “*É só dizer onde fica.*”

Rui, depois de receber uma jarra d’água, pergunta aos telespectadores: “*O que as mulheres querem, alguém pode me dizer, hem?*”

Entra um vídeo de desenho animado com um homenzinho cantando: “*Azucrinar a nossa vida; crianças na barriga; comprar quando liquida e não fazer nossa comida!*”

Rui, recusando-se a mudar a rotina, fala aos telespectadores: “*Eu sei o que elas querem. Sabem o que elas querem?*”

Entra o vídeo de desenho animado com uma mulherzinha dançando e cantando: “*Queremos jantar tomando vinho; transar com mais carinho; gozar devagarinho depois dormir abraçadinho!*”

Vani, falando aos telespectadores sobre o casal que conheceram: “*Quatro pessoas que não se conhecem fechados num ambiente, é daí que nascem os furos!*”

Vani, a propósito das gafes de Rui, diz para os telespectadores: “*O papai do furo se chama Furão!*”, apontando para Rui.

Vani, dirigindo-se aos telespectadores, fala: “*A mamãe do furo se chama incrível coincidência.*”

Vani mantém um diálogo mudo com o telespectador através de expressões faciais a cada furo que seu noivo dá.

(5) Visibilização de merchandising e/ou autopromoção:

Vani e Rui estão sentados na cama, impressionados de que não há nada para se fazer na cidade. Entram imagens dos painéis de boates e comércios abertos, o que seriam as alternativas de coisas a se fazer, como: boates, bar, cinema, teatro, exposições de arte, restaurantes... e “mil maneiras” de se ter uma relação sexual.

(6) Simulação de possíveis acontecimentos:

Rui, olhando para os telespectadores, diz: “*Você faz o que numa hora dessas, hum? Você some, desaparece.*” E aparece a cena. Pânico das pessoas no carro com o sumiço do Rui e o carro desgovernado.

Outra opção seria: “*Você simula um ataque*”. Entra a imagem de como seria esse ataque e o pânico das pessoas.

“*Você pega um revólver e BUM!*”. E aparece a cena.

E a última alternativa: “*Você finge que é maluco!*” E aparece a cena.

À guisa de conclusão

O procedimento de tonalização de *Os normais*, responsável pela conferência do tom principal ao discurso da série, articula-se e gradua-se em torno da categoria *disposição*, oscilando entre dois pólos, representados pelos traços *seriedade* vs. *humor*.

As temáticas e situações apresentadas são sérias, mas seu tratamento é lúdico. São temas relevantes e sérios, que poderiam alimentar tragédias, mas a apresentação

sistemática e reiterada de situações tragicômicas; a recorrência insistente a procedimentos irônicos, intercalados com calorosas discussões existenciais; a presença constante de piadas e gozações em meio à enunciação de discursos interiores profundos e densos; a exposição delicada e suave de afetos e sentimentos, mediados pela aspereza da linguagem empregada, eivada de palavrões e termos chulos, tudo isso e muito mais concorrem para garantir uma neutralização da tensão decorrente da oposição entre *seriedade* vs. *humor*. Nesse sentido, outros tipos de variações – de *inflexão*, de *espessura*, de *intensidade*, de *peso*..., são mobilizados e colocados a serviço desse tom predominante que faz com que o texto de *Os normais* oscile entre o tratamento sério e o humorístico, suave e áspero, superficial e profundo, leve ou denso dos temas propostos, e que a narrativa assuma esse tom de crônica do cotidiano bem-humorada. Como a própria Vani diz:

“Estou achando que é um erro tratar de assuntos profundos neste programa. Como é que a gente vai fazer uma situação terrível como essa ficar engraçada?”

Nessa perspectiva, as estratégias apontadas – a interpelação e/ou fala dos personagens, olhando para a câmera e dirigindo-se diretamente ao telespectador; a convocação feita pelos personagens de *flashbacks* com fragmentos de acontecimentos passados, mas que não constavam dos episódios anteriores; a enunciação de discurso interior – pensamentos e idéias que passam pela cabeça dos personagens e que são verbalizados; a assunção escrachada do contexto de programa ficcional televisivo; a visibilização de *merchandising* e/ou autopromoção; a simulação de acontecimentos possíveis – concorrem sobremaneira para a produção dessa tonalização oscilante, dupla e dúbia, a serviço de dois pólos que articulam a variação de disposição. Afinal, trata-se de um texto ficcional que reconhece, na outra ponta do processo comunicativo, o telespectador, articulando atores discursivos e atores sociais; afinal, trata-se de um texto ficcional que assume seu caráter de ficção e passa a convocar no interior do próprio discurso as estratégias empregadas para sua produção. Da mesma forma se declara produto – programa televisivo –, contesta seu próprio gênero e escracha suas lógicas mercantilistas. Não é de surpreender?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, (s. d.).
GREIMAS, A. J. & FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática, 1993.
HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (s.d.).